

Pandemia escancarou violência da desigualdade na favela

Eduardo Magalhães Rodrigues e Silmara Conchão

A pandemia da Covid-19 não atingiu todos da mesma forma. No Sítio Cassaquera, favela que integra o Complexo do Morro da Kibon, os efeitos da crise sanitária foram agravados pelas condições materiais de vida. A pesquisa, financiada pelo CNPq, e executada pelo Centro de Estudos de Saúde Coletiva (CESCO-FMABC) em parceria com a Faculdade de Saúde Pública da USP e várias outras universidades (<https://covidnafavela.com.br/>), demonstra que o vírus encontrou um cenário já marcado por desigualdades estruturais.

Desinformação e percepção de risco

A circulação de notícias falsas foi um dos fatores mais relevantes, influenciando negativamente as medidas sanitárias e a confiança na vacinação: quase 80% dos homens acreditaram, no início da pandemia, que a doença não era tão séria.

Distanciamento social e condições de moradia

A possibilidade de isolamento dentro da própria residência mostrou-se limitada. 58,06% da população parda e 57,89% da população preta afirmaram não terem conseguido realizar distanciamento dentro de casa, devido a alta densidade.

Fome e insegurança alimentar

A pandemia também acentuou a insegurança alimentar. Moradores relataram redução de refeições e a necessidade de cortar gastos com comida: 66% das mulheres tiveram que diminuir despesas com alimentos e 54,17%, em algum momento, tiveram que decidir entre comprar alimentos ou medicamentos.

Trabalho, renda e precarização

Muitos moradores perderam emprego, além da população ter a renda ainda mais reduzida: 51% possuíam uma renda familiar de até 1 salário-mínimo, sendo que 18% até meio salário-mínimo.

Educação e exclusão escolar

A interrupção dos estudos e as dificuldades de acesso às aulas remotas aprofundaram desigualdades educacionais. Falta de dispositivos, conexão instável e ambientes inadequados para estudo foram obstáculos frequentes. Os impactos educacionais tendem a produzir efeitos duradouros, especialmente entre crianças e jovens de famílias com menor renda. A pandemia revelou que o acesso à educação de qualidade está diretamente relacionado às condições socioeconômicas. Esse quadro é exacerbado quando metade da população entre 20 a 24 anos declarou que nunca lê e 1/3 entre 30 a 34 anos o faz raramente.

Desigualdade como eixo central da crise

Os resultados mostram que gênero, cor/raça e renda não atuam isoladamente. As vulnerabilidades se acumulam. A Covid-19 não foi um fenômeno apenas biológico, mas profundamente socioeconômico. No Sítio Cassaquera, a pandemia escancarou que saúde depende de moradia digna, renda estável, acesso à informação confiável e políticas públicas consistentes. Sem enfrentar os determinantes sociais de forma estrutural, futuras crises sanitárias tendem a reproduzir e aprofundar as desigualdades.